

Poéticas do tempo: um tratamento possível da voz

Por Fabiana Rousseaux

Tradução de Leonardo Coutinho Rodrigues

Revisão de Lauro José Siqueira Baldini

Fabiana Rousseaux, diretora de *Territorios Clínicos de la Memoria*, discorre sobre o projeto audiovisual “Poéticas del Tiempo”, um dispositivo de trabalho em torno de uma constelação de memórias, no qual, a partir do encontro com objetos sensíveis dos que foram tocadas pela experiência traumática do terror de Estado na Argentina, tenta-se um tratamento desses objetos-restos-simbólicos, onde se vão articulando cartas, poemas, epistolários, mensagens, fotografias. A possibilidade de recuperar a voz dos e das desaparecidas.

-Então se trata de um laboratório, a menos que seja uma espécie de museu de ciências naturais.

- Não. Em absoluto.

Negou com a cabeça enquanto sorria, como se esperasse de minha parte este tipo de perguntas.

- Aqui não há nem investigações nem exposições. Nosso papel consiste em preparar os espécimes e conserva-los, nada mais.

- Então, para que servem estes espécimes?

- É difícil encontrar-lhes um propósito comum. As razões que levaram a desejar um espécime são distintas para cada um. Se trata de um problema pessoal. Não tem nada a ver com a política, a ciência, a economia ou a arte. Ao preparar os espécimes, agregamos uma resposta a estes problemas pessoais. Entende?

....

- Desculpe. Creio que o trabalho é mais difícil do que pensei...

- Claro que não. É normal que se sinta perturbada. Um laboratório desse tipo não se encontra em qualquer parte, por isso é necessário certo tempo para entender. Além do que, este laboratório não tem letreiro, nem aparece nas páginas amarelas. As pessoas que verdadeiramente necessitam de um espécime poderiam chegar até aqui com os olhos fechados...

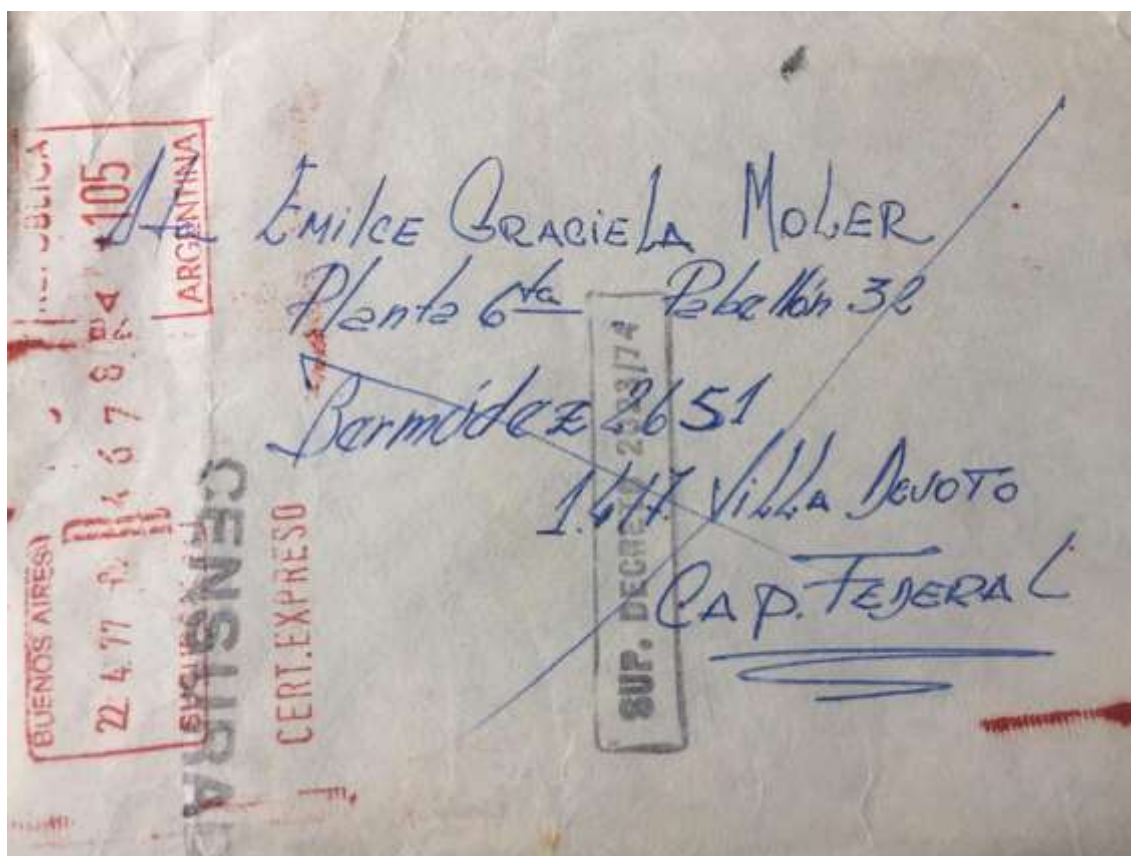
...

- Acredita que poderei fazê-lo?

- Certamente, não existe uma técnica particular. O mais importante é a sinceridade. Não deve descuidar-se de nada, nem sequer do espécime mais ínfimo ou do mais insignificante. É preciso amá-los.¹

¹ Trecho de “El anular”, de Yoko Ogawa, escrito em 1994. Traduzido do francês por Muriel Varnier e publicado pela primeira vez em espanhol em Litoral 34, Muerte y Duelo, Revista de École lacanienne de psychanalyse, México, 2004. Traduzido por nós diretamente do texto de Fabiana, visto não haver edição em português.

Há alguns anos, estamos desenvolvendo em TeCMe² o projeto audiovisual “*Poéticas del Tiempo*”³, que é um dispositivo de trabalho em torno de uma constelação de memórias, no qual, a partir do encontro com objetos sensíveis dos que foram tocados pela experiência traumática do terror de Estado na Argentina, tentamos um tratamento possível para esses objetos-restos-simbólicos, onde se vão articulando cartas, poemas, epístolas, mensagens, fotografias etc. Nesse sentido a articulação se dá no contexto de um cuidado estético-político e de uma orientação ética sobre eles, sabendo que não só surgem de arquivos ou de testemunhos, mas também do encontro incalculado e fragmentário de recordações.



Emilce Moler, sobrevivente dos CCD [Centros Clandestinos de Detenção] Pozo de Arana e Pozo de Quilmes. Esta é uma das cartas que sua família e seu namorado lhe enviaram durante sua detenção política no cárcere de Villa Devoto. A mesma está datada de 22 de abril de 1977.

Ali está arraigada uma dimensão que nos interessa particularmente, já que percorre a textura discursiva em sua heterogeneidade: o modo em que se joga a relação presença-ausência, as divergentes temporalidades em que os rastros e gestos se entrelaçam. Uma

² Territorios Clínicos de la Memoria.

³ Levam adiante esse projeto: Agustín Ambroggio, Mercedes Vargas, Lucía Budassi, Katherine Salamanca, Natalia Magrin (coordenadora). Desenho e edição: Lucas Chami.
<https://m.youtube.com/playlist?list=PL622mB3nqxfEjTRkbbD4EVY7vpHTPc89W>

sorte de nó entre a letra e a imagem, para escutar aquilo que faz possível sua transmissão hoje.⁴

Em relação a estes objetos que restam daquelas experiências de limite, durante todos esses anos foi quase impensável trazer a voz dos e das desaparecidas à materialidade do registro sonoro. Debates intensos entre cineastas, pesquisadores, familiares, documentaristas, dando conta da dificuldade de escutar suas vozes, não seus ditos, não seus discursos, mas sim suas vozes.

Neste sentido, enfrentamos também uma árdua discussão dentro da equipe acerca de qual poderia ser uma dimensão possível para dar tratamento à voz de Ester Felipe. Foi quando nos chegou, através de sua filha, um arquivo sonoro digital de uma fita cassete gravada por Ester, na qual cantava e enviava essa gravação à sua irmã Liliana, exilada no México, que hoje é, além disso, uma reconhecida cantora.

Nas conversas da equipe – não sem divisões subjetivas – abordamos a dimensão de transmissão que toda voz implica e assumimos a posição ética que introduz a psicanálise ao estabelecer uma distância entre a voz e a significação, sendo que, como resgata Jorge Alemán a respeito das teorizações de Lacan, *a voz não é só o suporte da linguagem, mas sim aquilo que nos constitui, do mesmo modo que o olhar.*⁵



Bolinha de pingue-pongue encontrada em escavações realizadas no ex CDD Club Atlético, no marco da declaração testemunhal de Carlos Leibovich. Foto cedida pela Comisión del Sitio Memoria ex CCTyE “Club Atlético”

⁴ A esse respeito, ver Fundamentos del proyecto, disponível em www.tecmered.com

⁵ Jorge Alemán, “La voz”, Revista Consecuencias, abril de 2008.

Neste texto, Alemán realiza um percurso pelos *objetos a*⁶, e em sua articulação com as pulsões⁷, isola aquelas duas que ficam por fora da castração, a saber: a pulsão escópica e a invocante, precisando que o olhar e a voz – referidas respectivamente a cada uma das duas pulsões – são dois objetos que escapam à lógica dos outros *objetos a* que estão do lado do circuito de demandas e trocas. A voz e o olhar, diferentemente, são definidos como *objetos sutis*.

Precisamente é no Seminário 10, sobre A angústia, que Lacan se refere a que “o objeto da voz” é o mais original, aludindo com isso ao registro do mais originário, já que vem diretamente do Outro primordial⁸, constituindo-nos. E adverte que uma voz pode exigir muitas coisas.

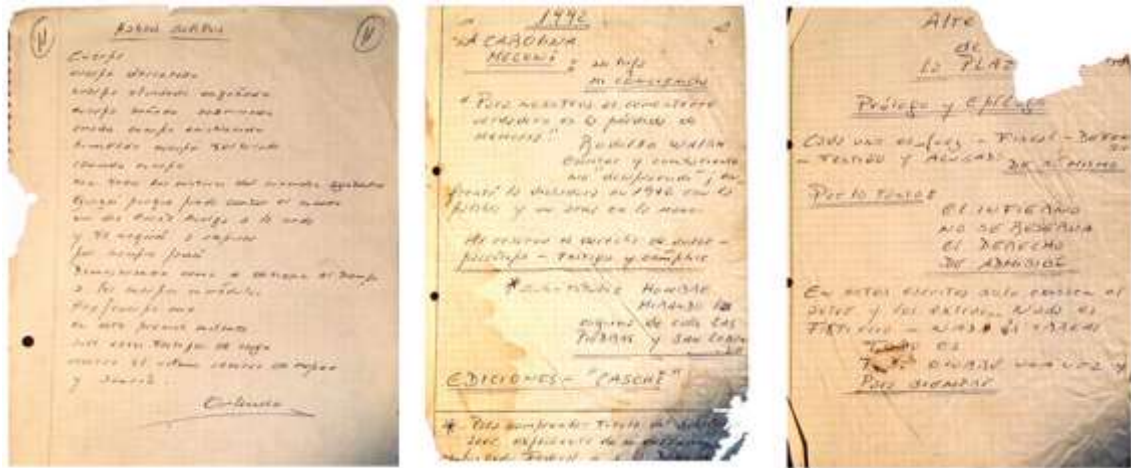
O magnífico conto da escritora japonesa Ogawa – cujo extrato reproduzimos mais acima – aborda a complexa trama do tratamento possível do luto diante daquele que perdemos e desejamos conservar. O tipo de objetos recebidos nesse laboratório de “espécimes” – como se denominavam ali os tesouros que as pessoas levavam – iam desde insetos e vegetais até adornos, maquiagens, pedacinhos de objetos ou marcas no corpo, como uma queimadura, que haviam pertencido aos que já não estavam nas vidas dos que acudiam ali para conservar de algum modo o mais precioso de seus seres perdidos.

Em uma trama do conto, se apresenta uma situação que perturba à assistente recém-chegada ao laboratório (que é quem se pergunta, no diálogo reproduzido mais acima, se poderá assumir esse trabalho), quando uma jovem mulher se apresenta com uma partitura musical para preservar o som da música que em tempos passados havia sido executada por seu namorado, a quem ela acabara de perder.

⁶ O objeto a em Lacan pertence a uma ordem estrutural e não a um estágio evolutivo, poderíamos dizer em termos muito gerais, para os propósitos desta nota de rodapé, que é a grande invenção lacaniana para se referir ao que se torna uma espécie de nó, onde se articula de modo lógico o que resta, o que cai, do encontro com o Outro primordial e condensa um excedente de gozo, um excesso. A voz e o olhar do Outro são as duas dimensões que nos constituem em primeiro lugar como Sujeitos, já que estamos absolutamente expostos a eles. Vimos ao mundo entre vozes e olhares.

⁷ A pulsão é um conceito nodal em psicanálise e com múltiplas definições, para os propósitos deste artigo diremos que, segundo Freud, é um conceito limítrofe, fronteiro, que se refere *ao surgimento do deslince do anímico na sua relação com o corporal para situar uma agência representante psíquica de uma fonte de estímulos intrassomática em contínuo fluir*, e que implica uma tensão que não encontra um objeto preciso para sua satisfação. Ou seja, a pulsão insiste.

⁸ Uma belíssima definição de Lacan sobre este conceito psicanalítico, da qual podemos nos servir para este texto, é quando o define como o lugar do tesouro dos significantes, também como o lugar onde está inscrita a ordem do simbólico. A função materna está associada a este conceito fundamental para o advento da constituição psíquica do Sujeito.



Poesia escrita por Orlando Meloni, sobrevivente dos CCD La Perla y Campo de la Ribera

-Soube de vocês por um parente distante que recorreu a seus serviços. Dizem que alguns sentem um verdadeiro alívio depois de lhes pedir um espécime...

-Sim, está certo. Este é um lugar de resgate mediante espécimes.

-Mas me preocupa saber se a matéria não é demasiado peculiar – disse mostrando a partitura. Suas unhas pintadas brilharam. Suas bochechas, talvez pela maquiagem, pareciam frescas e brancas a tal grau que faziam esquecer o calor do lado de fora. A parte de seus braços que saíam das mangas de sua blusa também estava fresca, e não apresentava nenhuma marca de transpiração.

-Nunca é demasiado peculiar. Fique tranquila. Em dois dias estará pronto.

-Minha solicitação não se refere à partitura em si, mas à música que aí está escrita, ao som – disse antes de baixar a cabeça.

Este tipo de “substância inorgânica” – como mais adiante a designa o Sr. Deshimaru (dono do laboratório) – é surpreendente, não haviam chegado objetos desta imaterialidade anteriormente a esse laboratório. Entretanto, aceitam extrair seu som e guardá-lo cuidadosamente em um tubo de ensaio, para garantir assim à jovem namorada a preservação desse som que a une a seu amado. *Substância inorgânica/objetos sutis*, parecem unir-se neste relato para orientar-nos na possível leitura acerca do enodamento do luto com o desejo.

A inscrição do rastro da voz no corpo detalha, como nenhum outro objeto a, o intocável-inapagável, e por isso se trata de uma marca que retorna desde o mais desconhecido e familiar, ou seja, o in-familiar, e daquilo que se torna determinante na estruturação fantasmática.⁹

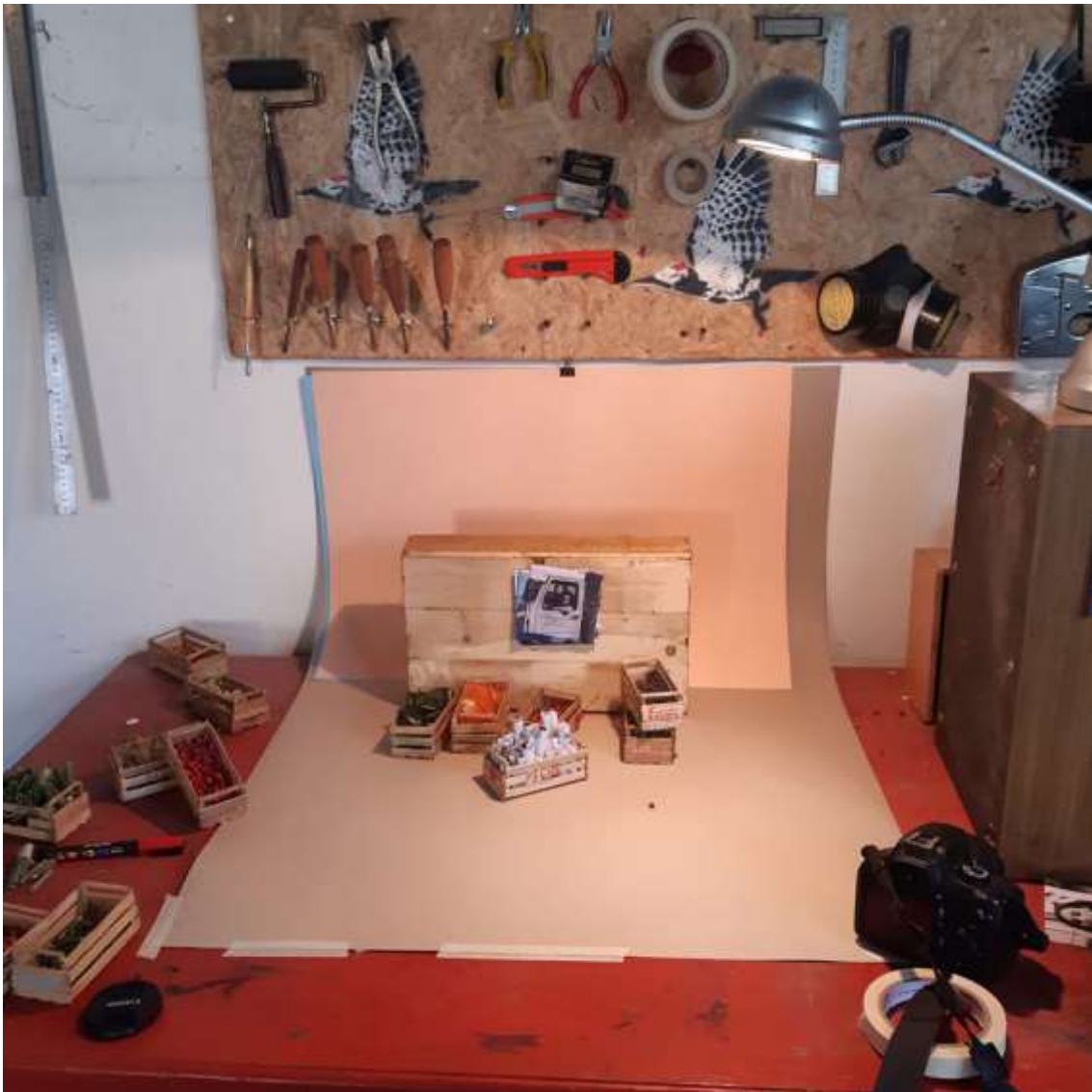
Se definitivamente sempre somos falados, essa voz não está localizada totalmente em nenhum corpo, mas em um registro inscrito no Outro, já não nos pertence de todo. Ao mesmo tempo é o mais íntimo que temos, o que nos torna irrepetíveis. Isto não

⁹ Para Lacan, a realidade sempre é fantasmática. Para fazer uma breve referência a este conceito tão complexo, podemos dizer que é uma resposta diante do desejo enigmático do Outro e um modo de tramitação diante de diversas exigências pulsionais. É o prisma através do qual cada Sujeito constrói sua realidade articulada com o desejo.

inaugura, então, uma temporalidade diversa à presença/ausência que nos faz (in)existir nessa voz, ao mesmo tempo que nos faz inconfundíveis? Já não seria, então, estritamente o que fomos, nem tampouco só aquilo que somos, por vezes, a voz traz e atualiza o que não nos pertence mais, na medida em que o Outro nos constituiu.

Nossa voz nos define radicalmente, mas à condição de suportar o fato paradoxal de que diante dela sempre somos uns perfeitos estranhos, como bem sabe quem alguma vez passou pela experiência de tentar se escutar.

Alemán nos traz em seu texto uma linha que retoma de Lacan e nos orienta quando diz “Aí está o grande acerto da psicanálise. Quando a voz está verdadeiramente separada da significação – e não se pode absorver na cadeia significante -, é uma voz que já nem sequer é escutada, que pode perfeitamente coexistir com o silêncio”.¹⁰



Poéticas del Tiempo, no ateliê de desenho e animação de Lucas Chami.

¹⁰ Op.cit.

Essa dimensão paradoxal da voz que coexiste no cruzamento entre o corpo – feito de palavras – e a linguagem que habita no silêncio, é o que nos fez pensar que diante desse cruzamento, e em relação à música – que é de partida um tratamento possível diante do desencarnado da pura presença que poderia trazer a voz de alguém que já não está – haveria uma possibilidade ética, na medida que dá uma envoltura à sonoridade infamiliar dessa voz, ao tempo que apazigua seu estatuto.

Uma voz pode despertar a recordação, pode tropejar para exigir o comprimento de uma lei como o shofar¹¹ – tal como analisa Lacan no Seminário 10 -, pode encarnar um rito, pode escutar-se no áfono, ainda que não o saibamos nunca de antemão e, por isso, acolhendo o tesouro que nos entregou quem está constituída por essa voz – Paula, a filha de Ester, trabalhamos para fazer transmissível esse tesouro singular, com amor, como indicava o Sr. Deshimaru, sabendo que essa voz, essas vozes, seguem nos constituindo um pouco a todos.

Fabiana Rousseaux

Dirigiu o Centro de Atendimento às Vítimas de Violações de Direitos Humanos Dr. Fernando Ulloa - SDH; dirige a Associação Civil “Territorios Clínicos de la memoria”.

¹¹ O shofar é um instrumento de sopro considerado central entre os instrumentos da liturgia judaica, que se usava acompanhando a leitura de textos sagrados. É fabricado com o chifre de um animal puro e limpo (kosher).